Reduplicação e *copy-vowel epenthesis*[1] em jogos de linguagem: domínios morfológicos (‘língua do p’) vs domínios fonológicos (‘efeito Alberto Roberto’)

Reduplication and copy-vowel epenthesis in language games: morphological domains (‘p language’) vs phonological domains (‘Alberto Roberto effect’)

Felipe Vital
UFRJ

Resumo: O presente texto se debruça sobre a análise cruzada de dois fenômenos correlatos, a reduplicação, que consiste na cópia de material de uma base com vista de preenchimento de um morfema RED, e a eco-epêntese, que é uma cópia de segmento da base com vistas de correção fonotática, em jogos de lingugem (*ludlings* Laycock (1972); Bagemihl (1989; 1996)) no Brasil.. Serão apresentadas evidências empíricas que corroboram com os argumentos expostos por Kawahara (2007), cuja análise tipológica dos fenômenos superficialmente similares descritos teve como base empírica dados de línguas naturais, posicionando o texto em favor de como as gramáticas de ludlings podem servir como fontes de análises de fenômenos fonológicos. A partir do cumprimento do primeiro objetivo será possível atingir o objetivo secundário, que é descrever a variante da ‘língua do p’ que apresente a reduplicação, bem como apresentar um recurso estilístico da construção de um personagem conhecido por Alberto Roberto, que apresenta um caso de eco-epêntese.
Palavras-chave: domínios morfológicos; domínios fonológicos; reduplicação; copy-vowel epenthesis; língua do pê

Abstract: This text expounds over a cross-analysis of two related phenomena, reduplication, which consists of a copy of segments of a base-word in order to fill a RED-morphrme, and eco-epenthesis, which is a copy of segments of a base-word for correcting some phontactic requirements in phonetic surface, in language games or *ludlings* (Laycock (1972); Bagemihl (1989; 1996)). Empirical evidence that corroborates the arguments proposed by Kawahara (2007) in his typological analysis of these two cited phenomena faced to natural languages will be presented here, positing this work in the favour of ludlings as a good deal of evidence on phonological properties. After fulfilling the first objective, it will be possible to achieve the secondary goal, describing the variant of the brazilian ‘p language’ that presents reduplication, as well as to show a stylistic resource of creation of a character known as Alberto Roberto, which has a specific case of echo-epenthesis.
Keywords: morphological domains; phonological domains; reduplication; copy-vowel epenthesis; p language.

Recebido em 12 de fevereiro de 2024.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

[1] Que, neste texto, também será referida como “eco-epêntese”, como uma tradução a *echo-epenthesis* (Kawagara, 2007).

Introdução

Este texto tem por objetivo geral fornecer, com base em uma análise cruzada de dois fenômenos superficialmente similares (a saber: reduplicação e a eco-epêntese), evidências que corroborem os argumentos contidos em Kawahara (2007), a partir de dados oriundos de jogos de linguagem ou *ludlings* de Laycock (1972), ou seja, gramáticas artificiais, no Brasil.

No texto, com base em evidência empírica oriunda de gramáticais naturais (línguas naturais), o autor defende a autonomia teórica e 'funcional' dos fenômenos de espalhamento (como, por exemplo, a epêntese ou a geminação) e o fenômeno da reduplicação, argumentando que, enquanto o primeiro tem como domínio a fonologia, no sentido de estar a serviço de reparos fonológicos, a reduplicação atende ao domínio da morfologia, em vistas de uma relação de cópia baseada em correspondência nos termos de McCarthy & Prince (1995).

No que diz respeito propriamente ao domínio morfológico, apresenta-se uma variante do jogo linguístico chamado 'língua do p' (cf. Guimarães & Nevins (2006) para uma outra abordagem quanto à 'língua do p'; e Guimarães & Nevins (2012) para uma outra abordagem sobre a reduplicação na 'língua do p'), que consiste na afixação iterativa de uma sílaba 'pV_{ogal}' (pV)' à esquerda ou à direita de cada sílaba da palavra base (você → pV-vo-pV-cê ou vo-pV-cê-pV). Neste sentido, o texto se presta a descrever sucintamente este *ludling* de infixação iterativa, dando ênfase à variante cunhada "Dialeto B" (Araújo, 2012) ou "*Double Talk*" (Wikipédia, [200-?])[2].

Como o jogo linguístico apresenta pelo menos dois tipos de variantes[3], (1) um em que a vogal V é sempre [e], como (você → pe-vo-pe-cê ou vo-pe-ce-pe); e (2) outro em que a vogal V segue a rima original das sílabas da palavra base, como (você → vo-po-cê-pe), subespecificamos o ludinfixo[4] como 'pV_{ogal}' para fazer referência ao jogo de maneira geral, bem como quando o texto se ativer especificamente à variante tratada aqui,

[2] Devido à escassez de referências no âmbito da linguística teórica em geral (e da teoria fonológica em específico) no Brasil sobre a tipologia da 'língua do p', adicionei ao debate a descrição - bem-feita - pela Wikipédia.

[3] Em termos preliminares, assumo que as variantes compartilham uma estrutura subjacente /pe/, sendo que a variante a que estou me atendo aqui tem (a) o apagamento da vogal e (b) a reduplicação como processos próprios que caracterizam esta variante.

[4] Fazendo referência à infixação iterativa de *ludlings* especificamente ('ludinfixo' lud = ludling; infixo = infixo)

especificamente a variante (2), em que a vogal do ludinfixo é igual à vogal da palavra base, caracterizando o fenômeno da reduplicação.[5]

No caso específico da variante (2) da 'língua do p', a reduplicação leva em consideração todos os segmentos da sílaba da palavra fonte passíveis de serem reduplicados no ludinfixo, permitindo que o ludinfixo tenha configuração silábica CVV, CVC (ou até mesmo C_1C_2V (onde: C_1 é sempre [p])). Entretanto, a tendência preferencial é de cópia da rima silábica da sílaba da palavra-base.

No que diz respeito ao domínio fonológico, apresenta-se em um personangem icônico da TV brasileira construído pelo humorista Chico Anysio (1931-2012), chamado Alberto Roberto, que, entre seus bordões e seu jeito característico de falar, caracterizava-se pela cópia da vogal de sílabas da palavra-base como recurso de correção fonotática demandado pelo desfazimento de grupos consonantais [$C_{onsoante}$ + [ɾ]], mas nunca [$C_{onsoante}$ + [l]].

Por conta de questões puramente fonotáticas, o preenchimento da *vowelless mora* (cf. Stoijkovic, 2016) é feito por um tipo especial de epêntese, que copia a vogal da sílaba cujo grupo consonantal é desfeito no jogo de linguagem que caracteriza o personagem, tomando como base que a vogal epentética básica no PB, a língua-base do jogo, é o segmento [i]. A *copy-vowel epenthesis* (cf. Guevara-Rikoz, Su & Paperkamp, 2021) característica da fala do personagem, bem como, sobretudo, o precedente desfazimento de ataques complexos específicos, são chamados aqui, de maneira geral, de *efeito Alberto Roberto*.

1. Das diferenças entre reduplicação e eco-epêntese (Kawahara, 2007)

Com base em um estudo tipológico em línguas naturais, Kawahara (2007) explicitou algumas diferenças empíricas atestadas na análise cruzada da reduplicação e da eco-epêntese. Como dito antes, o autor defende que, enquanto a eco-epêntese está a serviço da fonologia, com vistas a reparações fonotáticas, a reduplicação está a serviço da especificação de um morfema reduplicativo RED, sendo, entre as duas opções contrastadas, apenas a reduplicação passível de ser enquadrada na noção de correspondência baseada em cópia de McCarthy & Prince (1995).

[5] Para uma tipologia incipiente da 'língua do p', ver Araújo (2012), em que o autor apresenta três variantes da 'língua do p', sendo uma delas correspondente à variante tratado neste estudo. Uma discordância com o autor é que ele considera que a 'língua do p' é um ludling 'templático', posição da qual discordo por entender enquanto um ludling de infixação.

No estudo, o autor chega a quatro características que distinguem a reduplicação da eco-epêntese: (A) cópia de consoante à longa-distância; (B) cópia de alvo distante mesmo havendo candidato a alvo mais próximo; (C) transferência de alongamento segmental da base para segmento reduplicado da base; (D) bloqueio por conta de um determinado segmento interveniente, como se pode ver abaixo:

Figura 1. Critérios empíricos na distinção reduplicação/eco-epêntese

	Reduplication	Echo epenthesis
Long-distance consonant copy	Yes	No
Copy of a distant target	Yes	No
Length transfer	Yes	No
Blockage by some intervening segments	No	Yes

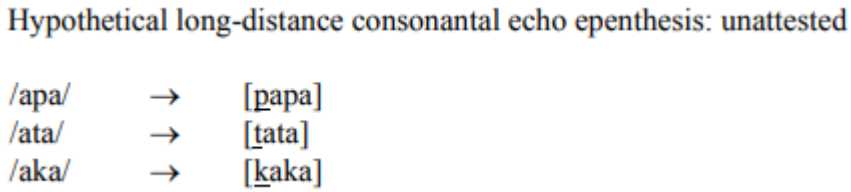
Fonte: KAWAHARA (2007, p.5.)

O quadro, de cima para baixo, corresponde aos pontos de (A) a (D) do parágrafo acima de Figura1. Como se pode ver, a reduplicação marca 'positivo' para os três primeiros critérios, que, obviamente, não são cumulativos, enquanto marca 'negativo' para o critério (D). Observando bem, os critérios (A) e (D) constituem verso-e-reverso da mesma moeda, pois, uma vez que a reduplicação pode copiar uma consoante em longa distância (i.e consoante não adjacente), é uma consequência lógica que a reduplicação não seja bloqueada por segmentos intervenientes.

Especificamente quanto ao ponto em (A), seguindo os dados do autor, a reduplicação pode ir longe na busca por uma consoante para realizar a cópia, enquanto a cópia de uma eco-epêntese geralmente se vale do segmento licenciado que está o mais próximo possível. Ou seja, na reduplicação, consoantes à longa-distância são livremente copiadas, enquanto a eco-epêntese se guia por fatores de circunvizinhança.

Assim, enquanto a reduplicação pluralizadora em Agta [RED+takki 'perna'], com direcionalidade esquerda>direita, tem como produto "tak-takki" 'pernas', casos de consoantes distantes sendo copiadas em contexto de eco-epêntese não são atestados, segundo o autor, como se pode ver abaixo:

Figura 2. Cópia de consoante à longa-distância: reduplicação sim; eco-epêntese não



Fonte: KAWAHARA (2007, p.3.)

A presença de um morfema RED na análise do fenômeno de cópia implica dizer que há contextos em que a cópia, a serviço da morfologia reduplicativa, acaba por expressar valor derivacional (no sentido de formação de nova palavra para um diferente referente) ou valor flxional (no sentido de expressão de conteúdo gramatical, como número ou pessoa). Com isto, Figura2 diz que, quando a cópia não está associada a um morfema RED, não há captura de alvo consoantal à longa-distância.

O ponto em (B) diz respeito, seguindo o autor, ao fato que a reduplicação pode pular um segmento passível de figurar como alvo para determinado ambiente fonológico por conta de satisfazer outras imposições próprias, como buscar a vogal mais sonora[6] possível, o que se visualiza em Figura3.

Quanto à eco-epêntese, justamente por estar ligada a questões de vizinhança, como dito acima para o ponto (A), não foram atestadas, segundo o autor, cópias que pulem segmentos passíveis a figurar, por exemplo, na posição de núcleo para buscar uma vogal ainda mais distante para figurar nesta posição por conta de uma característica intrínseca a esta vogal mais distante.

[6] Não confundir esta noção de 'sonoridade' com a noção de 'sonoridade' que é sinônima a 'vozeamento', valor de traço de natureza laríngea abarcado pela fonética articulatória. No caso da primeira noção, esta tem a ver com 'abertura do trato vocal', de modo que: quanto mais a boca precisa ser aberta para a produzir um som, mais sonoridade este segmento tende a ter. Em termos de fonética acústica, com base no conceito de 'formante', ou seja, o valor extraído da conjugação entre frequência e ressonância, esta noção está ligada à ideia de F1.

Figura 3. Possibilidade de salto de um candidato a alvo próximo para buscar candidato a alvo mais distante por conta de características intrínsecas a esta possível alvo mais disntante: reduplicação sim; eco-epêntese não

a. Sonority-based reduplication in Nakanai

/RED+taro/	→	[ta̲-taro]	'away'
/RED+mota/	→	[ma̲-mota]	'vines'
/RED-biso/	→	[bo̲-biso]	'two by two'

b. Sonority-based echo epenthesis: unattested

/tmeta/	→	[ta̲meta]
/tmute/	→	[te̲mute]

Fonte: KAWAHARA (2007, p.4.)

Assim, segundo o autor, eco-epêntese não busca, por exemplo, por uma vogal mais sonora possível dentro da palavra, já que, como dito, é baseada em questões de vizinhança, buscando sempre o candidato a alvo mais próximo. No caso da reduplicação em Nakanai, o morfema RED, em formato prosódico de uma sílaba CV, busca para o slot V a vogal mais sonora possível (isto é, com maior F1) dentro da palavra-base. Ou seja, este tipo de cópia só é permitida se o processo de cópia em si estiver relacionado a um morfema RED.

Sobre (C), este ponto se atém à questão de que, segundo o autor, não é incomum, no caso da reduplicação, que o alongamento (valor prosódico relativo a duração em termos fonéticos) associada a alguns segmentos copiados seja transferido, enquanto no caso de eco-epêntese o segmento hospedeiro do alongamento costuma ser copiada sem que o alongamento relacionado a este segmento o seja também.

Figura 4. Transferência de duração segmental: reduplicação sim; eco-epêntese não

/midoodo+RED/ → [mi-doodo-doodo]

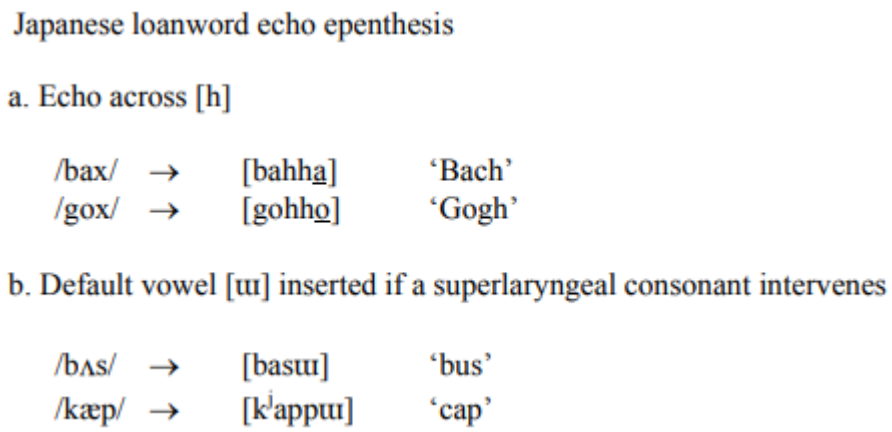
Fonte: KAWAHARA (2007, p.4.)

O caso acima da reduplicação em Kihehe mostra a vogal [o:], representada por 'oo' em 'midoodo' é copiada pelo morfema RED, na direcionalidade direita > esquerda.

Ainda sobre Figura4, quanto aos casos de eco-epêntese, o autor diz, na mesma página, que *the present survey has not found a case in which such length transfer occurs in echo epenthesis.* (op. cit).

Por último, o critério (D) diz respeito ao fato de que casos de eco-epêntese podem ser bloqueados por determinados segmentos intervenientes, enquanto a reduplicação (sobretudo pelo que foi dito um pouco acima sobre a questão dos critérios (A e D)) nunca é bloqueada por segmentos (ou classe de segmentos) específicos, como se pode ver abaixo:

Figura 5. Bloqueio ocasionado por determinado segmento interveniente: eco-epêntese sim; reduplicação não



Fonte: KAWAHARA (2007, p.4.)

Em casos de empréstimos de palavras em japonês, a eco-epêntese é bloqueada quando a consoante final da base estrangeira tem traço [- laringal] para o nódulo 'ponto de consoante', ou seja, para toda consoante cujo ponto de articulação for acima da laringe, a eco-epêntese é bloqueada e a vogal epentética default [ɯ] em japonês emerge.

Quanto aos critérios empíricos que diferenciam a cópia associada à reduplicação da cópia que ocorre em casos de eco-epêntese apresentados aqui, vale destacar que os pontos (B) e (C) não se aplicam à reduplicação em português, que é a língua-base tanto para a 'língua do p' quanto para o Efeito Alberto Roberto.

Em relação ao ponto (B), não há casos de reduplicação em português que salte um elemento licenciado a preencher o morfema RED com vistas de buscar um outro elemento igualmente licenciado ao preenchimento do morfema reduplicativo. Em relação ao ponto (C), o alongamento não exerce força contrastiva em português, sendo apenas a

manifestação fonética da tonicidade lexical. Com isto, é pleonástico dizer que não há possibilidade de haver transferência de duração lexicalmente atribuída.

O ponto (A) – em consonância lógica com o ponto (D), como dito acima – se aplica ao português brasileiro, uma vez que, ao lado de reduplicações de 'curta distância', como:

RED (σ = CV) + tio → titio
RED (σ = CV) + mãe → mamãe
RED (σ = CV) + pai → papai

também ocorrem outros tipos de reduplicação. Um argumento compreensível, entretanto, contra o estatuto de 'reduplicação de curta distância' é o fato de serem bases monossilábicas, com poucos segmentos. Logo, qualquer cópia seria, em si, curta. Entretanto, o próprio português atesta a palavra 'bom-bom', que dá nome a um tipo específico de doce. Vale destacar também que reduplicações deste tipo, com bases monossilábicas, constituem um número bem reduzido de inputs-outputs em português.

No caso de palavras com bases dissilábicas ou trissilábicas, entretanto, não é incomum a aplicação do ponto em (A), que é licenciado de tal forma que o português permite reduplicações totais:

RED (word) quero → quero-quero 'um pássaro'
RED (word) mata → mata-mata 'tipo de disputa no futebol'
RED (word) agarra → agarra-agarra 'agarração intensa entre pessoas'

Com isto, em relação ao critério empírico que sustenta a diferenciação dos fenômenos que serão analisados aqui (a saber: 1) a variante da 'língua do p' em que há reduplicação e; 2) o desfazimento de onsets complexos na fala do personagem Alberto Roberto), pode-se dizer que o ponto (A) se aplica contumazmente a estes fenômenos, como se verá no desenvolvimento do texto.

2. *Ludlings* de infixação em línguas do mundo

Dos *ludlings* de infixação iterativa, certamente, os mais conhecidos são o *Ubbi-dubbi* (**sem** reduplicação pós-infixação), do inglês americano, e o *Jerigonza* (**com** reduplicação pós-infixação), do espanhol europeu e do espanhol latinoamericano. Dados destes dois jogos linguísticos seguem abaixo:

(01) *Ludlings* de infixação iterativa mais famosos: Ubbi-dubbi e Jerigonza

Ubbi-dubbi (ludinfixo: [ʌb])

good day	→	gubood dubay	[ˌgʌbʊd ˈdʌbeɪ]
speak	→	spubeak	[ˈspʌbiːk]
hello	→	hubellubo	[ˌhʌbəˈlʌboʊ]

Jerigonza (ludinfixo: sílaba p-V)

carlos	→	caparlopos	[kaˌparloˈpos]
vamos	→	vapamopos	[baˌpamoˈpos]
escondite	→	epescopondipitepe	[eˌpescoˌpõndiˌpiteˈpe]

Como se pode ver, no caso do *Ubbi-dubbi*, o ludinfixo é [ʌb], grafofonemicamente representado por <ub>, e o processo consiste na anexação deste 'morfema' antes de cada som vocálico (fazendo oposição, como os dados mostram, entre vogais e glides vocálicos) de sílabas de palavras em inglês, ou seja, anexação entre onset e rima. No caso do ubbi-dubbi, o acento (secundário e primário) figura na sílaba à esquerda da sequência de duas sílabas formadas pela anexação do infixo [ʌb].

Já no caso do *Jerigonza*, uma sílaba formato p-V é adicionada à palavra-base entre o núcleo e a coda de cada uma das sílabas da palavra em espanhol. Pode-se ver que, como o infixo apresenta uma mora vazia, o preenchimento é feito pela cópia da vogal da sílaba concernente da palavra base. Aqui, a sílaba que se forma com a entrada do infixo porta o acento (secundário e primário) da construção resultante.

Uma observação que se pode fazer quanto à relação entre ludinfixo e as sílabas com as quais dialogam diretamente é sobre a sua posição. Em uma perspectiva lógica, podem-se supor as seguintes relações posicionais ludinfixo-sílaba de base:

(02) Relações posicionais logicamente possíveis entre o ludinfixo e a sílaba com a qual dialoga

- Posição pré-sílaba

Ex: **Dialeto C (‘infixo-prefixo pe [pe]’) / “Pê-dialect” - Português brasileiro**

calça → pecalpeça [peˌcaʊpeˈsa] (Araújo, 2012)

Gjuha e zoqve (ludinfixo: xh [dʒ]) – Albanês

ruga “rua” → xhruxhga [dʒrudʒga] (Yu, 2008)

- Posição entre C1 e C2 do ataque silábico (até 2 segmentos no ataque)

Ex:

- Posição entre elementos de ataque complexo (3 ou mais segmentos no ataque)

Ex:

- Posição entre ataque silábico e rima silábica (antes da rima)

Ex:**Ubbi-Dubbi (ludinfixo: [ʌb]) - Inglês**

extra “extra” → ubextruba [ˈʌbɛksˌtɪʌbə] (Yu, 2008)

- Posição entre núcleo silábico e coda silábica

Ex: **Jerigonza (ludinfixo: p-V) - Espanhol** (reduplica o núcleo silábico imediatamente à esquerda)

quedar ‘ficar em’ → quepedapar [keˌpedaˈpar]

Bet-language (ludinfixo: b-V) – Hebraico (reduplica o núcleo silábico imediatamente à esquerda)

ohev ‘amar-masc’ → obohebev [oˌbo(h)eˈbev]

- Posição entre elementos de coda complexa

Ex:

- Posição pós-silábica[7]

Ex: **Dialeto B/ “Double Talk” [ludinfixo: p-V] – Português brasileiro** (reduplica a estrutura segmental da sílaba de base à esquerda, dando preferência à rima)

gelo → gepelopo [ʒeˌpeloˈpo] (Araújo, 2000[2012])

Grego Cipriota [ludinfixo: -kVkVrdVrV(C)kVkV(C)] - Grego (reduplica a vogal nuclear da sílaba de base à esquerda para o slot V do ludinfixo e a consoante de coda (caso haja) da sílaba base à esquerda para o slot (C) do ludinfixo)

Alékos ‘alex’ → **a**kakárdarakaká**le**kekérderekeké**kos**kokórdoroskokós (Yu, 2008)

Das posições logicamente possíveis, vê-se acima que nem todas estão preenchidas com exemplos. Poder-se-ia supor a insuficiência da evidência empírica como resposta ao não preenchimento total das possibilidades com dados.

Outra coisa que se poderia supor, a que não me aterei neste texto, mas é digno de ressaltar, é que o não preenchimento total destas possibilidades lógicas pode refletir uma preferência por determinados padrões de infixação iterativa (ludinfixação) sobre outros, numa interface entre biologia e linguística, com base em imposições de possibilidades

[7] Numa análise cruzada da ‘língua do p’ com base na tipologia feita em Araújo (2012) e da página da página do Wikipédia chega-se a quatro variantes: 2 nas quais as duas fontes concordam (**Dialeto B/ “Double Talk” e Dialeto C (‘infixo-prefixo pê [pe]’) / “Pê-dialect**) e 1 apenas na primeira fonte (**Dialeto A (‘infixo-sufixo’ pê [pe]**) e 1 apenas na segunda fonte (‘**Vowel-changing dialect’**). No quadro em (02), omiti a variante específica de cada uma das fontes, que anexam o infixo em posição pós-silábica.

determinadas pela G.U (gramática universal). No campo biológico, é sabido que existem restrições genéticas que determinam a variedade morfológica das espécies (cf. Bagemihl (1989), Nevins (2010)).

Destaca-se, observando o quadro acima, que as opções (a) pré-sílaba, (b) entre núcleo e coda e (c) pós-sílaba são as que mais contam com representantes em se tratando de *ludlings* de infixação iterativa. Outro ponto que se pode destacar do quadro acima é como línguas geneticamente tão afastadas podem compartilhar expedientes bastante similares na construção de seus respectivos *ludlings.* E isto certamente remete à questão sobre as (não-)preferências biolinguísticas quanto aos padrões fonológicos possíveis e impossíveis.

De um modo geral, destaca-se também que entendo os *ludlings* - tal como, por exemplo Araújo (2012) e Bagemihl (1996) -, sobretudo pelo potencial de criação de um repertório lexical com base em recursos formais bem delimitados para a construção de um cenário socioletal característico, um subtipo de morfologia não-concatenativa, haja vista que toda morfologia não-linear, de acordo com Vital & Gonçalves (no prelo), caracteriza-se pela exploração de sentido na palavra a partir da manipulação de porções sonoras e/ou prosódicas.

No caso dos *ludlings*, estes exercem função mais expressiva, no sentido do compartilhamento de informação além-texto entre os interlocutores, do que propriamente lexical, no sentido de servir à formação em série de palavras com base nos primitivos morfológicos disponíveis regularmente na língua.

Estes dois *ludlings* de infixação, com base no inglês e no espanhol respectivamente - assim como as variantes da 'língua do p' e outros *ludlings* de infixação do mesmo formato – propiciam uma duplicação da quantidade de sílabas da palavra-base, resultando em outputs sempre com uma quantidade par de sílabas, favorecendo a construção de pés métricos binários, em que as sílabas nas quais os ludinfixos figurem portem ou não-portem, dentro da palavra morfológica[8], o acento do pé métrico.

3. A 'língua do p'

[8] No caso da 'língua do p' - assim como em casos da 'Gualin do TTK' (Vital & Nevins, 2023) -, a sílaba é tomada como uma palavra prosódica independente quando e somente quando dentro do domínio da palavra morfológica, como se pode ver que 'mar azul', na fala cotidiana pronunciado como [ˌmaraˈzul], nunca fica 'maparapazulpul', mas sim marpar apazulpul, o que mostra que a autonomia da sílaba ocorre no domínio da palavra morfológica

Como dito, a ‘língua do p’ é um jogo linguístico (ou *ludling*) que consiste na afixação iterativa de uma sílaba ‘pV$_{ogal}$’ (pV)’ à esquerda ou à direita de cada sílaba da palavra base (você → pV-vo-pV-cê ou vo-pV-cê-pV). De acordo com Araújo (2012), há três variantes da ‘língua do p’:

Figura 6. As variantes da ‘língua do p’

dialeto A (infixo-sufixo -pê-)
menina → mepênipênapê
peste → pespêtepê
dialeto B (harmonia vocálica, infixo-sufixo –pV-)
gelo → gepelopo
livro → lipivropo ~ lipivropro
dialeto c (prefixo-infixo pê-)
calça → pêcalpêça
amor → pêapêmor

Fonte: ARAÚJO (2012, p.8.)

Já a página da Wikipédia a respeito da ‘língua do p’ também trata de três variantes:

Figura 7. As variantes da ‘língua do p’

"Double talk" dialect

This "dialect" of Língua do Pê is just like the Jeringonza and the Idioma F language games in Spanish. It works by repeating the rime of each syllable, beginning it with *p* (*pê* in Portuguese). Examples:

- você → *vo-po-cê-pê*
- gato → *ga-pa-to-po*
- menino → *me-pe-ni-pi-no-po*

Fonte: WIKIPÉDIA ([200-?], n.p.)

Figura 8. As variantes da ‘língua do p’

Vowel-changing dialect

This "dialect" is like the one described above, except that some vowels are changed. When an open syllable (one that ends in a vowel) has [o] or [e] as its vowel, it is changed to [ɔ] and [ɛ], respectively.

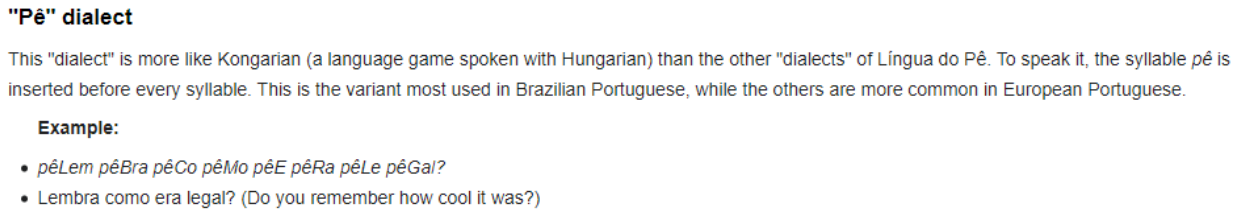
Example:

- [vɔˈpɔsɛˈpɛ korˈportouˈpou ɔˈpɔ seuˈpeu kaˈpabɛˈpɛlɔˈpɔ]
- *Você cortou o seu cabelo?* (Did you cut your hair?)

Please note that the syllables beginning with *p* are stressed, not the original syllables.

Fonte: WIKIPÉDIA ([200-?], n.p.)

Figura 9. As variantes da ‘língua do p’



"Pê" dialect

This "dialect" is more like Kongarian (a language game spoken with Hungarian) than the other "dialects" of Língua do Pê. To speak it, the syllable *pê* is inserted before every syllable. This is the variant most used in Brazilian Portuguese, while the others are more common in European Portuguese.

Example:

- *pêLem pêBra pêCo pêMo pêE pêRa pêLe pêGal?*
- Lembra como era legal? (Do you remember how cool it was?)

Fonte: WIKIPÉDIA ([200-?], n.p.)

No conto ‘a língua do p’, escrito por Clarice Lispector, publicado no livro ‘A via crucis do corpo’ (1998)[9], a autora traz o Dialeto B (para Araújo (2012) ou variante ‘Double talk’ (para o Wikipédia) como ilustrativo do jogo linguístico no conto. Entretanto, diferentemente do que a tipologia da ‘língua do p’ proposta na página do Wikipédia para a variante em questão, os dados no conto da Clarice Lispector e do próprio Araújo mostram casos em que a cópia não envolve apenas elementos da rima da sílaba da palavra-base[10], mas também o elemento em segunda posição de onset complexo, o que parece ser uma variação deste subtipo da ‘língua do p’.

Figura 10. O Dialeto B/“Double talk” em ‘A língua do p’

[9] Primeiramente publicado em 1974.

[10] Guimarães & Nevins (2012) apresentam dados que traduzem apenas reduplicação dos elementos da rima da sílaba de base, uma vez que a postulação final (op. cit, p. 148) do algoritmo que explique a ‘língua do p’ seja baseado em relações de precedência que relacionam [p] (sucessor) ao último elemento da sílaba anterior (precedente) e, posteriormente, o núcleo da sílaba anterior (sucessor) a [p] (precedente), excluindo sumariamente a possibilidade da reduplicação da consoante na segunda posição de onset complexo, de modo que a versão preliminar (op. cit, p. 134) do algoritmo, com base em *after each syllable Σ, insert a copy of S in which the onset consists of /p/,* seja mais compatível com o que se propõe neste presente texto. O problema desta versão preliminar supracitada é não trazer a variação na reduplicação (só-rima x segunda posição do onset + rima) para o ‘coração’ da gramática do processo em si, ou seja, para o próprio algoritmo. De modo geral, é preciso destacar que os autores concebem a reduplicação, guiados evidentemente pelos dados da variante geográfica sobre que se debruçam, como um morfema RED no formato silábico **-pV(c)-**.

Em manchete negra estava escrito: "Moça currada e assassinada no trem".
Tremeu toda. Acontecera, então. E com a moça que a desprezara.
Pôs-se a chorar na rua. Jogou fora o maldito jornal. Não queria saber dos detalhes. Pensou:
– Épé. Opo despestipinopo épé impimplaplacápávelpel.
O destino é implacável.

Fonte: LISPECTOR (1998, p.70)

Como se pode ver, no caso de 'implacável', houve (imp**la**cável → impim**pla**p**la**capavelpel), com a reduplicação envolvendo todos os segmentos da sílaba da palavra-base que estão disponíveis à reduplicação (todos que ocupam uma posição na sílaba diferente da ocupada pela consoante [p] *default* do ludinfixo). Embora pareça uma variável menos acessível à gramática da 'língua do p', que parece favorecer reduplicação que envolva elementos da rima silábica da palavra-base, casos como este (ou como liv**ro** → lipiv**ro**p**ro** em Figura6 acima) certamente merecem atenção.

Pensando propriamente no algorítmo que explique esse Dialeto B/"Double Talk" da 'língua do p', em formato paramétrico, pode-se pensar em:

(03) Gramática do Dialeto B/ "Double Talk"

1) **Posição do infixo em relação à sílaba**: pós-silábica
2) **/e/** → Ø
3) **Reduplicação (nível: σ)**: maximize a sílaba da palavra-base no produto;
4) **Condição de preferência**: segmentos da rima silábica sobre segmentos do ataque silábico;

A demanda 1) diz respeito ao parâmetro de afixação do ludinfixo em relação à sílaba com a qual dialoga, de acordo com o quadro em (02). Como vimos, a variante específica da 'língua do p' a qual este texto se atem anexa o ludinfixo em posição pós-silábica.

A demanda em 2) postula o apagamento que ocorre em relação à vogal da forma subjacente do infixo /pe/, que é uma forma subjacente compartilhada pelas diferentes variantes da 'língua do p'. Apagamento de segmentos pré-reduplicação não é algo

incomum na morfologia da língua-base, já que marca um tipo específico de reduplicação chamado ‘baby-talk’ (Gonçalves, 2009), como ‘estrela → ~~es~~[trela] → têla → têtêla’.

Ao se selecionar a sílaba tônica e a átona posterior para o molde da reduplicação, onsets complexos tendem a ser desfeitos na fala de crianças na primeira infância. Assim, anteriormente à reduplicação da tônica (σ.**tre**.σ), há o apagamento da consoante [ɾ] na segunda posição de onset complexo.

A demanda 3) define que a sílaba da palavra-base deve ser maximizada no produto, de modo que o máximo possível de segmentos seja reduplicado, traz em si a questão de a sílaba ser tida como um constituinte autônomo, uma ‘palavra prosódica’ em si (ou seja, não estabelecendo relações entre si de modo à formação de constituintes prosódicos maiores) pela gramática desta variante do jogo linguístico em questão.

Assim, a cópia que ocorre no caso desta variante da ‘língua do p’ não está a serviço da fonologia, uma vez que a própria forma de base do ludinxo já apresenta um formato de sílaba (CV) fonotaticamente permitido em português, em /pe/. Não faz sentido supor que a própria gramática favoreça uma estrutura A (ambiência fonológica satisfatória) → B (ambiência fonológica não-satisfeitória) → A (ambiência fonológica satisfatória), semelhante ao que se cunhou como “Duke of York gambit” (Pullum, 1976).

Neste sentido, a cópia neste caso está a serviço da variação deste ludling, ou seja, da variação de um subtipo de morfologia não-concatenativa, plenamente de acordo com Kawahara (2007) na distinção entre espalhamento e cópia, fenômenos superficialmente semelhantes, mas com naturezas distintas, já que espalhamento (cópia ‘fonológica’) está para a fonologia, enquanto a reduplicação (cópia ‘morfológica’) está para o componente morfológico.

A demanda 4), por sua vez, diz respeito à questão de a reduplicação ser tendencialmente mais moraica (ou seja, acontecer envolvendo os segmentos da rima silábica) do que propriamente silábica (ou seja, acontecer levando em consideração os segmentos em qualquer posição na estrutura da sílaba).

De modo geral, esta última demanda se constitui como um argumento que corrobora a diferenciação empírica entre a cópia reduplicativa e a eco-epêntese feita por Kawahara (2007), favorecendo ao ponto (A) (ver Figura1 e Figura2, extraídos do autor, que dizem que a reduplicação, ao contrário da ecoepêntese, pode copiar consoantes à longa-distância.

A possibilidade de variação na cópia em favor da segunda consoante de um onset complexo (cópia segunda posição de onset + rima silábica) ou em não-favor da cópia da

segunda consoante de um onset complexo (cópia só-rima) é, certamente, um argumento interessante em favor de entender esta variante da 'língua do p' como marcada pela aplicação do fenônemo conhecido como reduplicação, tal como o fazem Guimarães & Nevins (2006; 2012).

Dois aspectos - isto é, (a) tomar a sílaba como um constituinte autônomo em si e (b) a preferência por reduplicar os elementos moraicos (no caso do português, todos os segmentos da rima silábica) – aproximam este Dialeto B/"Double Talk" do *efeito Alberto Roberto*, descrito para caracterizar o desfazimento de ataques complexos e a consequente eco-epêntese (cópia 'fonológica') próprios do personagem, homônimo ao efeito, criado pelo humorista Chico Anysio.

Entretanto, olhando somente para o subconstituinte silábico 'rima', diferentemente do desfazimento de ataques complexos pelo personagem do humorista, no caso do Dialeto B/"Double Talk", a reduplicação se processa na **rima silábica**, podendo acessar a coda. O personagem Alberto Roberto, por sua vez, ao desfazer os ataques complexos, satisfaz a exigência fonotática eco-epentetizando apenas a vogal (**núcleo silábico**) imediatamente à direita, de acordo com os dados analisados a seguir.

4. O *efeito Alberto Roberto*

O humorista Chico Anysio (1931-2012) desenvolveu diversos personangens ao longo de sua carreira na rádio, teatro e TV. Além de caracterizações estéticas e personalístas, muitos de seus personagens também se caracterizam pelo modo como se expressam verbalmente. Seja pela prosódia, sintaxe, morfologia e fonologia, a estilística da forma de falar de seus personagens certamente era uma preocupação do humorista.

Neste sentido, destaca-se o personagem Alberto Roberto, um ator/apresentador com excesso de estrelismos que se julgava uma das figuras mais importantes da TV. Em sua fala peculiar, o personagem tinha um bordão característico quando não queria gravar as cenas propostas pelo diretor Da Júlia (interpretado pelo ator Lucio Mauro (1927-2019)): 'eu não garavo! (onde, da subjacência à superfície: gravo → garavo).

Das perspectivas que podem vir a ser, uma delas é a suposição de que o personagem desfaz encontros consonantais em ataques complexos em início de palavra (de conteúdo). Abaixo, segue uma lista com dados oriundos de episódios que o personagem Alberto Roberto "porotagonizava":

(04) Desfazimento de onset complexo na fala de Alberto Roberto[11]

a.	problema	→	poroblema
b.	entrei	→	enterei
c.	vitrine	→	vitirine
d.	pressentido	→	peressentido
e.	principiante	→	pirincipiante
f.	'estrelo'	→	esterelo
g.	atração	→	ataração
h.	estressado	→	esteressado
i.	provar	→	porovar

Os dados mostram, confrontando a suposição aventada anteriormente, que (a) não são todos os onsets complexos em português que são desfeitos, mas apenas aqueles com estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ])[12]; e que (b) não apenas em contexto de sílaba inicial de palavra o desfazimento do onset complexo pode acontecer.

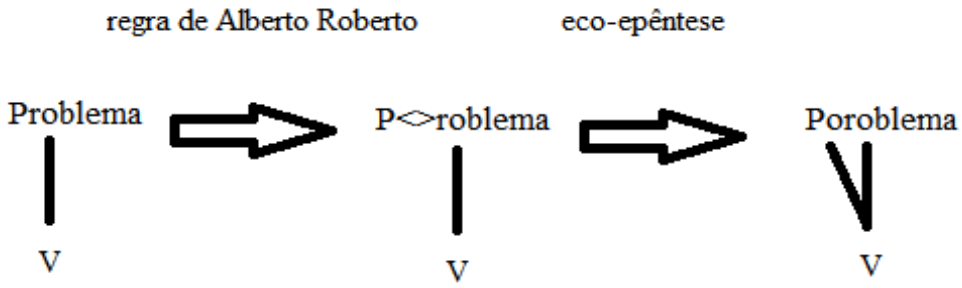
Entendendo este fenômeno como oriundo de um jogo de palavra feito por Chico Anysio na caracterização do personagem, chamarei de *efeito Alberto Roberto* (1) a 'escolha' da sílaba como o constituinte autônomo, uma palavra prosódica em si mesma (dentro do domínio da palavra morfológica) , (2) o desfazimento de ataques complexos específicos, e, sobretudo, (3) a consequente eco-epêntese que ocorre como recurso para o preenchimento da mora (vazia) requerida pela fonotática do português, uma vez que $C_{onsoante}$ (em $C_{onsoante}$ + [ɾ]) não pode constituir sílaba por si.

Numa representação autossegmental deste espalhamento da vogal referente à sílaba cujo núcleo consonantal é desfeito:

Figura 11. Representação autossegmental do *efeito Alberto Roberto*

[11] A ausência de dados com estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ] + [u]) parece ser apenas um reflexo da paucidade de dados, não uma imposição 'gramatical'.

[12] Enquanto a estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ]) é passível, de acordo com os contextos licenciados, dentro da palavra de sofrer o *efeito Alberto Roberto*, a estrutura ($C_{onsoante}$ + [l]) é completamente invisível ao efeito de desfazimento de ataque complexo.



Fonte: autor

Assim, uma vogal na representação subjacente se torna duas na superfície fonética por efeito do espalhamento provocado pela *copy-vowel epenthesis*, que define a epêntese com base na cópia de uma vogal já presente na representação da palavra-base. É digno de nota dizer, mesmo que seja algo evidente, que esta epêntese é requerida por restrições fonotáticas da língua-base como consequente ao desmembramento de ataques complexos com estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ]), enquanto o jogo de palavra do personagem é o desfazimento de determinados ataques complexos.

Ao desfazer a estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ]) dentro do contexto formalizado abaixo, o que garante a 'idiossincrasia' do personagem, demandas puramente fonológicas se impõem no que tange à fonotática da língua. A eco-epêntese surge como forma de solucionar a questão.

Assim, a *copy-vowel epenthesis* é uma aplicação com vistas de preenchimento de uma *vowelless mora*, representada em Figura11 por " < > " , modo a satisfazer uma restrição de natureza fonológica. A fonologia "resolve" problemas fonotáticos criados pelo recurso estilístico codificado na 'regra de Alberto Roberto' (ver Figura11).

Esta regra desfaz ataques complexos específicos, aqueles com a estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ]), em ambientes específicos dentro da palavra morfológica. Em termos formais de gramática, um exame mais acurado dos dados da fala do personagem Alberto Roberto mostra a seguinte conjugação de demandas:

(05) Gramática do *Efeito Alberto Roberto*

1) mapeie as duas sílabas da palavra-base, da esquerda para a direita, como extensão relevante;
2) desfaça ataques complexos se (e somente se) apresentarem a estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ]);

3) se (e somente se) o ataque complexo ($C_{onsoante}$ + [ɾ]) - de acordo com a condição em (1) - coincidir com a última sílaba de palavra morfológica, desfaça ataques complexos apenas se esta sílaba for bimoraica.

Quanto ao ponto em 1), alguém poderia dizer que esta 'extensão relevante' funcione apenas como uma outra forma de dizer 'pé métrico'. Mas, no caso do *efeito Alberto Roberto*, esta 'extensão relevante' não é propriamente 'métrica' (ou 'rítmica') justamente por se entender aqui que não se faz referência ao jogo rítmico extraível da relação entre sílabas em contexto de adjacência, mas tão somente à prevalência das bordas de palavras (no caso específico do personagem, a borda inicial) em se tratando de estruturas linguísticas (cf Beckman, 1998; Nevins, 2010).[13]

O ponto em 2) diz respeito ao coração do jogo de palavra criado na caracterização do personagem (um dos recursos estilísticos do personagem), e consiste no desfazimento de onsets complexos somente se apresentarem a estrutura ($C_{onsoante}$ + [ɾ]). Uma outra configuração de ataque complexo em português, com a estrutura ($C_{onsoante}$ + [l]), é invisível ao fenômeno.

Já o ponto em 3) diz respeito ao contexto em que a sílaba com ataque complexo coincida com a sílaba final de palavra: neste caso, a observação dos dados mostra que apenas quando estas sílabas são bimoraicas, pois neste contexto a vogal nunca vai ser [ɐ], [ɪ] e [ʊ][14], que são vogais propriamente temáticas e não estão disponíveis para a cópia, pois apareceriam numa posição em que são proibidas de figurar em português.

A condição neste ponto 3) explica a ausência de dados como os abaixo, em que a aplicação do efeito *Alberto Roberto* é 'agramatical':

(06)

lembr[ɐ] → *lemb**ɐɾɐ**

[13] Neste sentido é que se entende como pertinente enxergar a sílaba como um constituinte autônomo neste contexto. Justamente por isto não foi feita referência a 'métrica' ou 'rítmica' quando se falou da 'extensão relevante'. As duas sílabas da palavra (da esquerda para a direita) estão sendo interpretadas, de maneira geral, como a borda inicial.

[14] Quando se fala em 'vogais temáticas', restringindo o conceito às vogais [ɐ], [ɪ] e [ʊ], é possível que se imagine que esteja se falando sobre vogais nominais que, junto ao radical, formam o tema dos nomes. Entretanto, no caso de verbos flexionados que não tenham acento na última sílaba da palavra e que não tenham nasalidade como expressão de pessoa, a vogal oral átona final funciona melodicamente como nos nomes no mesmo contexto: (ele/ela) lembr[ɐ] x a sombr[ɐ]; (que ele/ela) sonh[ɪ] x o sangu[ɪ]; (eu) gost[ʊ] x o gost[ʊ].

livr[ʊ] → *liv**ʊɾʊ**

sempr[ɪ] → *semp**ɪɾɪ**

Como se pode constatar quanto ao *efeito Alberto Roberto*, a correção fonotática que é proporcionada pela eco-epêntese é uma consequência da regra de Alberto Roberto. Caso o desfazimento do onset complexo nestes contextos fosse feito com o apagamento da obstruinte em primeira posição 'problema → *[ɾ]oblema' ou até mesmo se valesse da vogal default de epêntese em português 'problema → *piroblema', a eco-epêntese, uma cópia eminentemente fonológica, não seria necessária, de modo que a vogal em input não se tornasse duas vogais em output, trazendo outras questões em comparação ao que se trata aqui.

Assim, diferentemente da variante B/ 'double talk' da 'língua do p' em que a cópia está diretamente relacionada à variação do ludling, que é um subtipo de morfologia não-concatenativa, a eco-epêntese relacionada ao *efeito Alberto Roberto* é um fenômeno fonológico demandado por questões fonotáticas da língua que coíbem de figurarem na superfície representações imediatamente posteriores à aplicação da regra de Alberto Roberto (ver Figura11).

O preenchimento da *vowelless mora* é feito pela cópia ('fonológica') da vogal imediatamente à direita, resultando nos dados à direita da seta em (04). Tal como Kawahara (2007) pensou para as línguas naturais, com base em um estudo tipológico da reduplicação e do espalhamento, os jogos de linguagem aqui analisados demonstram as diferenças empíricas e teóricas entre estes fenômenos superficialmente semelhantes.

Considerações finais

Pelo que se viu nesta análise inicial de uma variante da 'língua do p', cunhada como Dialeto B (Araújo, 2012) e "*Double Talk*" (WIKIPÉDIA ([200-?], n.p.)), a 'reduplicação moraica' é um fenômeno primevo à gramática deste *ludling*, embora dados como 'livro → lipivropro' acomodem melhor a análise em termos de 'reduplicação de estrutura segmental da sílaba', sobretudo se enxergarmos o que foi expresso na demanda 3) em (03).

Uma vez que o objetivo secundário do texto era descrever a variante da 'língua do p' que apresentasse a reduplicação (que, no caso do Dialeto B/ "Double talk" da 'língua do p', se constitui como reduplicação moraica, já que acessa sobretudo a rima silábica de palavras-base do PB), não me ative a uma modelagem teórica refinada nesta ocasião, o

que se coloca, ao lado do refinamento da coleta de dados, como uma próxima etapa desta empreitada.

Assim, a partir da análise feita, considera-se que a 'língua do p' é um tipo de morfologia não-concatenativa (mais próximo do estatuto que *blending* tem em se tratando de 'processos morfológicos não-concatenativos'), enquanto o *efeito alberto roberto* é mais uma idiossincrasia de cunho estilístico, porque, uma vez que o onset complexo é desfeito, regras de correção fonotática presentes na língua-base são aplicadas. O jogo linguístico na caracterização do personagem é, em parte, também um ludling, embora com estatuto distinto em relação à 'língua do p', que é um recurso linguístico comum a muitas pessoas.

No caso da comparação entre a variante B/double talk da 'língua do p' e o efeito Alberto Roberto, alguém poderia dizer que no primeiro caso a cópia é para simplesmente preencher a mora vazia em p-V, satisfazendo apenas uma restrição fonológica. Neste caso, seria estranho justo pelo fato de que a própria representação de base do ludinfixo, presente na superfície das outras variantes da língua do p, já satisfaz restrições silábicas do português, por apresentar o formato CV /pe/, sendo possível de existir na superfície da língua.

Assim, a fim de se evitar uma derivação do tipo A → B → A, a própria gramática geral da 'língua do p' adota a reduplicação como parte de uma das variantes, com a finalidade da variação deste processo morfológico, tal como, por exemplo, existe variação na formação por blending, de um ponto especificamente não-concatenativo, ou como existe variação no processo de derivação, olhando de um ponto de vista geral dos processos concatenativos de formação de palavras.

Então, sintetizando a análise, o *efeito Alberto Roberto* favorece o desfazimento de ataques complexos sem o apagamento da obstruinte na primeira posição de onset. A eco-epêntese é um recurso posterior, demandado por esse recurso estilístico, para reparar questões puramente fonotáticas, uma vez que o processo de desfazimento sistemático de onsets complexos específicos já foi resolvido anteriormente com a *regra de Alberto Roberto*. Então, nas palavras de Kawahara (2007, p.1), *this paper argues that echo epenthesis is invariably achieved by spreading, and never by correspondence-based copying.*

É importante ter em mente que as análises de *ludlings* que colocam lado-a-lado os fenômenos fonológicos em gramáticas naturais e gramáticas artificiais partem (ou deveriam partir) da noção basilar de estabilidade no tempo (forjada na transmissão

geracional) que as gramáticas naturais têm se comparadas às gramáticais artificiais que surgem de línguas naturais.

Com isto, a explicitação das gramáticais de jogos de linguagem decerto deve ser relativizada pela coleta sistemática de dados concernentes e pelo cotejo equilibrado entre as diferentes variações na realização de dados de uma mesma natureza.

Viu-se também que a variação na cópia relativa a 'língua do p' - isto é, cópias do tipo 'só-rima' ou cópias do tipo 'segunda posição do onset + rima' – corrobora, de acordo com o ponto (A) dos critérios empíricos levantados por Kawahara (2007), com o que o autor tipologicamente defendeu como reduplicação. A eco-epêntese, por sua vez, coíbe estas cópias à longa-distância justamente por estar associada à circunvizinhança.

Referências

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 39, p. 5–21, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636935. Acesso em: 10 fev. 2024.

BECKMAN, Jill N. **Positional Faithfulness** 1998. 270 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Massachusetts, Amherst, 1998. Disponível em: https://roa.rutgers.edu/files/234-1297/234-1297-BECKMAN-6-0. Acesso em: 10 fev. 2024.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Retrospectiva dos estudos em Morfologia Prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 195-221, 2009. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1684. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUEVARA-RUKOZ, Adriana; YU, Shi; PAPERKAMP, Sharon. Speech perception and loanword adaptations: the case of copy-vowel epenthesis. **INTERSPEECH 2021**, 2021, Brno, Czechia. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=Speech+perception+and+loanword+adaptations:+the+case+of+copy-vowel+epenthesis&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUIMARÃES, M.; NEVINS, A. Opaque nasalization in ludlings and the precedence relations of reduplication and infixation. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25854. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUIMARÃES, M.; NEVINS, A. Opaque nasalization in the Lingua do Pe of Salvador, Brasil. **GLOW Newsletter**, 2006. Disponível em: https://ling.auf.net/lingbuzz/000251. Acesso em: 10 fev. 2024.

KAWAHARA, Shigeto. Copying and spreading in phonological theory: Evidence from echo epenthesis. **UMOP: Papers in Optimality Theory**, v. 32, p. 111-144, 2007. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/216842751_Copying_and_Spreading_in_Phonological_Theory_Evidence_From_Echo_Epenthesis. Acesso em: 10 fev. 2024.

LAYCOCK, Don. **Towards a Typology of Ludlings, or Play-Languages**. 1972. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=ED074837. Acesso em: 10 fev. 2024.

LÍNGUA do Pê. *In:* **WIKIPÉDIA**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_do_P%C3%AA. Aceso em: 11 fev. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1974

MCCARTHY, John J.; PRINCE, Alan. Faithfulness and reduplicative identity. **Linguistics Department Faculty Publication**, 1995. 126 p. Disponível em: https://scholarworks.umass.edu/linguist_faculty_pubs/10/. Acesso em: 11 fev. 2024.

NEVINS, Andrew. Two case studies in phonological universals: A view from artificial grammars. **Biolinguistics**, v. 4, n. 2-3, p. 218-233, 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=Two+Case+Studies+in+Phonological+Universals&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart. Acesso em: 10 fev. 2024.

PULLUM, Geoffrey K. The Duke of York gumbit. **Journal of linguistics**, v. 12, p. 83-102, 1976. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4175335. Acesso em: 10 fev. 2024.

STOIJKOVIC, Jelena. Vowelless Moras and Varieties of a Language Game. **13th Conference on Typology and Grammar for Young Scholars**, 2016. Disponível em: https://youngconfspb.com/application/files/7414/7999/6755/Tezisnik_2016.pdf#page=145. Acesso em: 10 fev. 2024.

VITAL, Felipe; NEVINS, Andrew. Stress and segmental rules in brazilian ludling TTK. **MIT's M100 Conference poster**, 2023. Disponível em: https://m100.mit.edu/program.html. Acesso em: 10 fev. 2024.